

IMPARCIAL

PROPRIETARIO, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

3.º ANNO

GUIMARÃES, SEXTA-FEIRA 8 DE JANEIRO DE 1875

NUM. 224

EXPEDIENTE

Demos supplemento ao n.º passado do nosso jornal, e não reproduzimos n'este a materia d'elle, por ter sido remettido a todos os jornaes e aos srs. assignantes.

Por motivos independentes da nossa vontade, só hoje podemos publicar o «Imparcial». Toda a materia estava já composta para se dar no dia 5. Desde a proxima terça-feira, inclusive, entrará a publicação na costuma da regularidade.

Pela carta que recebemos do excm.º sr. Miguel Mascarenhas, fazemos a declaração que em seguida a ella abaixo se lê.

A copia da que foi derigida á redacção da «Religião e Patria», vae publicada n'outro lugar.

Srs. Redactores do «Imparcial»

Dignem-se publicar no seu jornal a copia que lhe remetto da carta que enciei á redacção da «Religião e Patria», e declararem se eu sou actualmente redactor do «Imparcial».

Guimarães 2 de Janeiro de 1875

Miguel Mascarenhas

Declaramos que o excm.º sr. Miguel Mascarenhas é hoje absolutamente estranho á redacção d'este jornal, embora todos aqui o respeitem e estimem como elle merece, e seja a nossa a mesma politica que s. exc.ª implantou no «Imparcial»: regeneração pura.

Os RR.

MONUMENTALÍSSIMOS ESCANDALOS

O sr. visconde de Margaride, governador civil do districto de Braga, faltou cynicamente á sua palavra de cavalheiro, compromettida espontaneamente por elle para livrar do recrutamento o proprietario deste jornal, como provam os documentos, não contestados, lançados no livro de notas do sr. tabellião na cidade de Braga Antonio Carlos de Araujo Motta, e publicados no n.º 219 desta folha.

A mesma auctoridade, faltou a igual compromisso no excm.º sr. Antonio de Barros de Faria e Castro, da casa da Mogada deste concelho.

A mesma auctoridade, livrou com a mais revoltante injustiça centenas de recrutas de todo o districto.

A mesma auctoridade, segundo é publico e sabido por muitas pessoas, estava pactuada com um dos cirurgiões da junta n'um asqueroso commercio de livramento de recrutas.

A mesma auctoridade deixa passear livremente no districto, á sombra de protecções, refractarios que ha muito deviam estar presos.

A mesma auctoridade, finalmente, ameaçou vingar-se, como fez, do proprietario d'este jornal, por n'elle se publicarem escriptos que não foram do seu agrado!!!!!!

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA:

A moralidade publica exige que vv. excellencias tomem contas dos factos escandalosos que o sr. visconde de Margaride, governador civil de Braga e no exercicio d'este logar, praticou com uma audacia só vista no tempo do mais feroz despotismo.

Ameaçou o pessoal d'esta folha, por se escrever aqui a analyse dos seus actos, e dos de uma camara municipal.

Realizou a sua vingança na pessoa de Augusto dos Santos Guimarães, o proprietario do «Imparcial», faltando-lhe cynicamente á palavra de cavalheiro de o livrar do recrutamento, obrigando-o a gastar o preço da sua substituição, estorvando-lhe esta e perseguindo-o cruelmente.

Comprometten-se a livrar do recrutamento o excm.º sr. Antonio de Barros Faria e Castro, da casa da Mogada, tentou acomodal-o pagando-lhe ametade do preço da substituição e, como lhe não fosse aceite a mesquinha, deixou mais esta vez de cumprir a sua palavra.

Livrou por sua directa intervenção nas juntas inspectoras centenas de recrutas de todo o districto, com a mais revoltante injustiça.

Deixa passear no districto, á sombra de protecções, refractarios que ha muito deviam estar presos, e fez um pacto asqueroso com um dos cirurgiões das juntas, para o li

vramento das recrutas dos concelhos de Guimarães e Famalicão.

Estes factos, senhores deputados, estão plenamente provados por documentos não contestados, são do dominio publico e d'elles ha feito carga ao governador civil de Braga, visconde de Margaride, uma grande parte do jornalismo portuguez.

Isto, dignissimos representantes da Nação, não tem o nome de politica, e toca, por tanto, aos homens honestos de todas as parcialidades. A sciencia de governar os estados, a arte de reger as nações, não pode servir para capa de escandalos degradantissimos. Nem a mesma diplomacia, a que um genio chamou arte de iludir, auctorisa desafetos que rebaixam a justiça e arrastam os seus auctores até á execração dos homens de bem.

E nem como politica seriamos nós accusadores, porque nos ufanamos de pertencer—sem com a nossa ufania tentarmos melindrar os de mais partidos que respeitamos—á pura regeneração, que hoje é poder. Reconhecemos nos senhores ministros caracteres immaculados, mas não sabemos como explicar o capricho de conservarem uma tal auctoridade. Pedimos-lhes justiça e, como não fomos até agora attendidos, vamos recorrendo aos de mais poderes.

Senhores deputados da nação portugueza: a moralidade publica, repetimos, exige que vv. excellencias tomem conta dos factos escandalosos

FOLHETIM

FRAGMENTOS D'UMA CARTA

Primeiro que tudo necessito apresentar-me. E' esta uma das regras da boa sociedade, que o dever e o habito me prescrevem. Não conhecendo com quem tenho a tractar, devia pedir a *alguem* que me apresentasse. Mas como heide resolver este problema se para mim esse *alguem* é uma incognita, um mysterio, um mytho, um gigante Adamastor?... Depois... até o proprio Moysés só fez brotar da rocha agua crystallina!...

Isolado do mundo, e vagueando por esta serra, só convivo com as minhas saudades; unicamente me distraio com os meus pensamentos. Alguns livros, dos meus mais predilectos, que com o meu alquebrado corpo aportaram a este ermo, são com quem estabeleço palestra, desde que um diluvio de mágoas me reduziu á triste condição em que me vejo. E' agradável recordar as dôres passadas, porque essa recordação é o balsamo consolador que dá lenitivo á ferida que ainda goteja sangue. Vivo pois do passado, porque é a unica época da minha vida que me dá alento e coragem para supportar o martirio que me impuz...

Então, ao passar pelo stereoscopo da minha imaginação ardente, coloridas com

as tintas da realidade, as vistas do meu passado brilhante, tão cheio d'esperança, as lagrimas rompem em catadupas d'estes olhos já sem o fogo da mocidade, e frios de gelo... do gelo da decrepitude precocel... Houve esta herança d'um longo inventario de desventuras!...

Mas como bem diz um dos amigos que me são unica consolação n'este Gethsemani:—Que fôra a vida, se n'ella não houvera lagrimas?—

A mais terrivel dor do espirito, suavissima e adormecem-na as lagrimas!

Os desgraçados são egoistas, por via de regra, não sabem, nem querem, consolar. Porem, eu, como a heroína de Virgilio, encontrando leniamento na recordação dos meus, me punjo dos alheios males!

Mas, ainda agora dou fé... Aperta-me a sorte ingrata nos seus ferreos braços?... Estón a pennejar a largos traços o hátratro de soffrimentos, que ameaçam devorar-me, com a mira na comiserção dos que se appellidam sentimentalistas?... Ah! não! Porque o sentimentalismo só é conhecido... euphonicamente.

Ou se por ali transita algum sentimentalista, ainda por euphonia, é apudado de utopista, visionario, palavras que, na *aurora* época em que vivemos, são synonymas de... tólo! Os videntes, os prophetas, os grandes homens, são os peritos nos jogos malabares... do *stock-exchange*!

Se dependerei no peito as medalhas

com que a regia munificencia do Destino me concederou, não foi para me enfeitae. Foi para me apresentarem e recommendarem á falta d'*alguem* que o fizesse. Em summa, foi para dizerem quem eu era. Resta-me agora dizer ao que venho...

Não leio jornaes. E das justas que se travam na arena da imprensa, nem sequer o mais tenue echo chega a repercutir-se na gruta em que habito.

O meu espirito, ainda que o fragor da peleja e o vozear dos gladiadores chegassem até mim, está alheado de tudo isso.

Ora, a minha morada é uma gruta, talhada entre dons enormes rochedos, situados no centro d'aquelle corrêgo que, semelhante a uma espiral, leva o *touriste* por caminho mais curto e pitoresco da planície que corda o cume da serra, até á irmda de Santa Catharina. Ah! ás vezes que idyllios, que eroticas scenas, presencio por estes sitios!... Quantos Tartufos e D. Isauras por aqui apparecem!... A maior parte, meos rigidas e esquivas do que a D. Isaura de Molière!... Os Tartufos é que são sempre os mesmos a quem—o *demonio arma tão finas rédes*—, e quando as Isauras lhes fallam no cén segredam-lhes ao ouvido, entre outras cousas, estas: «O céu deixe-o comigo. Ha modos efficazes de qualquer peccador fazer com elle as pazes».

Mas deixemos as divagações, e entremos no assumpto. Um d'estes dias, estava

em mollemente reclinado na minha alfombra esmaltada de verde, cuja gradação vigorosa com fulgido brilho do sol d'um formoso dia d'inverno a coloril-o, tornal-o-hia surprehendente aos olhos do pintor paisagista. Compulsava—O Genio do Christianismo—de Chateaubriand, quando ouvi algumas vozes não muito distante de mim. Eram d'um grupo de caçadores, que, sentados no dorso d'um pequeno rochedo, descansavam da sua excursão venatoria. Vinham com uma refeição leve e frugal; buscar novas forças para com o seu vozear destemperado fallarem aos seus felpudos mastins.

Estes, apinhados em volta d'os... heroes que em breve os iam levar... á *pejada*, olhavam para elles como que a implorar... o *bocado* que lhes era devido... como partes integrantes... dos seus gozos venatorios!... Findo o minguido repasto, cada um dos caçadores accendeu o seu *especial* e *botaram* cavaco.

Depois de divagarem por diferentes assumptos, taes como nos furões *entoados*, nas excellentes qualidades da *fadista*, na prontidão do *sacador raio*, na hydrophobia do ligeiro *bonito*, diz um, que se impunha e era obedecido como *general* do exercito invasor:

—Por hydrophobia, não sabem que se diz á boca cheia, por todas as ruas da nossa vetusta cidade, que o visconde de Margaride está hydrophobo por causa da ques-

que o sr. visconde de Margaride, governador civil de Braga e no exercicio d'este logar, praticou com uma audacia só vista no tempo do mais feizo despotismo.

Os nossos visinhos hespanhoes tomaram a final uma resolução acertada, para pôrem termo á guerra civil. Acclamaram o filho da rainha desthronada, o sr. D. Affonso XII, rei constitucional. Pronunciou-se quasi todo o exercito liberal, e parte do que combatia ás ordens de D. Carlos. Foi um pronunciamento que revela, pelas immensas adhesões, estar nas ideias da grande maioria do povo hespanhol.

Após um sem numero de calamidades para o reino de Hespanha, que as experiencias dos republicanos lhe trouxeram, voltou aquelle paiz ao estado em que se achava quando foi expulsa a mãe do actual rei. Se logo tivessem feito o que fizeram agora, quanto sangue deixava de verter-se? Quantas ruinas evitava aquella nação?

Desenganem-se os illudidos, de que muito tarde haverá homens no caso de realisarem practicamente as bellezas de um bom systema republicano.

A monarchia constitucional, já muito proxima da republica moderada, é o governo que mais garantias offerece para o bem estar das nações.

Felicitemos os nossos visinhos, e felicitemos-nos também a nós portuguezes, pelo que a ambos os paizes promete de estabilidade e paz o novo governo de Hespanha.

Não ha quem esteja livre do erro. O engano acompanha o homem. A experiencia e a grande capacidade podem apenas evitar muitos erros e enganões, mas não dão a ninguem a infalibilidade. O sr. ministro do reino entendeu ter encontrado um bom governador civil para o districto de Braga, na pessoa do sr. Luiz Cardoso, hoje visconde de Margaride, e algumas razões boas tinha para fundamentar a sua esperanza. Um homem que passa por intelligente, que tem umas cartas de bacharel e que é milionario, tem em si elementos para ser uma boa autoridade.

A practica, porem, mostrou logo que um governador civil é muito difficil de improvisar, e que não pegam os enxertos em partidarios duvidosos.

O sr. Luiz Cardoso, se alguma politica havia abraçada, era a politica historica. A todos os vimaranenses está ainda presente a ridicula scena do enterramento do sr. Fontes, dignissimo actual presidente de ministros e ministro da guerra, que, na célebre jancirada, promoveu aqui a pessoa do actual governador civil do districto de Braga!

Sucedem, pois, que o sr. Luiz Cardoso, visconde de Margaride, quando se vio investido do poder de primeira autoridade do districto, tractou de servir-se do cargo para se engrandecer a elle, e dar importancia aos parentes, sem curar dos interesses e conveniencias do governo, ao ponto de não haver no districto um jornal ministerial por s. exc.^a auxiliado, mostrando-se aquelle que era, e é, seu, a «Religião e Patria», indifferente ás accusações da opposição, e fazendo guerra ao «Imparcial», que foi, e é puramente regenerador!

Fez mais: dissolheu o partido em todo o districto, desgostou com os seus actos a todos os reconhecidos partidarios da regeneração, offendeu pessoalmente alguns d'elles, foi o pomo da nossa discordia!

Nestes termos, em presença destas inequívocas verdades, que utiliso o partido, que proveito deu ao governo a nomeação do sr. Luiz Cardoso para governador civil de Braga?!

Teve a honra de dar hospedagem em sua casa á familia real?

Para isso, havia em Guimarães quem o fizesse melhor, sem precisão de sair fóra do partido, e sem haver necessidade de metter a mão no cofre das reservas das honrarías da patria. Já estava o excm^o conde de Villa Pouca, fidelgo de casta, pessoa extremamente bondosa e affecta á dynastia reinante, regenerador desde a primeira regeneração e com serviços importantes ao partido, possuidor de um dos melhores e mais bem adornados palacetes da provincia do Minho, que teria muita honra em receber dignissimamente a real familia.

Mas este cavalheiro, parece estar esquecido pelos nossos chefes! E o sr. governador civil do districto de Braga, dá-lhe a honra de o guerrear de um modo indigno de pessoas educadas!

Quando será amenado o erro?

Exm.^o Sr. Redactor da «Religião e Patria» Diz v. exc.^a no seu jornal de hoje, que me escreveu no «Imparcial»... está mal informado. Deixa que me despedi de redactor principal d'aquelle papel, só quero a responsabilidade dos escriptos que n'elle forem publicados com o meu nome. Agora se v. exc.^a tem o que disse, não quer chamar a essa impertinente e vergonhossissima questão d'um typographo com um visconde, a que eu desejava ser ainda mais estranho de que sou, e se julga estar autorisado a provocar-me em nome do sr. Luiz Cardoso, que a violencia de se fazer quanto se a tal respeito, mediante a liberdade de publicar os escriptos que possuo.

Medita v. exc.^a, consulte os interessados e fi que certo de que eu sei acudir pela minha dignidade.

Se a resposta de v. exc.^a que peço seja da-

da no mesmo n.º em que se dignar publicar estas linhas—digo for bem positava, eu que não posso deixar de consi'deral-o interpretado des cavalheiros presios á polemica, considero-me autorisado a publicar qualquer genero de escripto que possua, tendente a esclarecer os factos a que tenho de referir-me, por que desejo ser por todos acreditado.

Ainda mais claro se v. exc.^a sr. redactor não retirar o que, por mal informado de certo, escreveti a meu respeito na «Religião e Patria» de hoje, e por que me quer ouvir fallar da pependencia á que allude, e por que foi autorisado a escrever assim pelos cavalheiros de quem possuo cartas, que escutarem a questão, as quas publicarei como se d'elles tivesse licença escripta para o poder fazer.

De v. exc.^a muito attento venerador Miguel Mascarenhas

HIGH-LIFE O sr. visconde de Margaride faz annos hoje, 8 do corrente. Não ha baile, por que o sr. arcebispo não deu bula, e por que os directores espirituaes do governador civil continuam a exercer os seus direitos de limnarem os convites ao neophyto. . .

—O proprietario d'esta folha, não melhorou quanto desejava o material d'ella, por que uma certa senhora palavra de honra lhe deixou as alibertas até sem colão. . .

—Partiu para Lisboa, o sr. deputado por Famalicão, a tomar assento. . .

Diz a imprensa illustrada, escreve no folhetim deste numero um cavalheiro independente e letrado, e entende-o e julga-o a opinião publica, que só n'este nosso Portugal de hoje é que succede conservar-se n'um alto cargo, o homem que abusou d'ella e fallou á sua palavra de honra, um dia depois de lhe ser provado o escandalo!

Pode alguem duvidar de que o sr. visconde de Margaride, no exercicio das suas funcções de governador civil do districto de Braga, compromettera a sua palavra de cavalheiro de livrar um recruta?

Não pode, por que o facto está documentado e provado sem contestação.

Qual era o caso unico em que um governador civil podia fazer aquelle compromisso, sem quebra da justiça?

Era o de aguardar o resultado imparcial da inspecção, e, quando d'ella resultasse o apuramento, pagar do seu bolso particular um substituto.

Que fez o sr. governador civil de Braga, visconde de Margaride?

Deixou apurar o recruta, deixou-o substituir-se, estorvou-lhe, em quanto lhe não regriram, os meios da substituição, e, avisado antecipaadamente para cumprir a sua palavra, gritou que lhe queriam sacar trescentos mil reis!!!

Provaso tudo isto á maior evidencia, e passados 21 dias depois da prova, sendo

ministros da coroa os homens mais conspicuos de um nobre partido, caracteres respeitabilissimos pela sua illustração e honrosissimos precedentes.—ainda o sr. visconde de Margaride, cheio de muitas outras maculas de que o jornalismo se tem occupado, se chama o governador civil do districto de Braga! . . .

Ha quem, não sabemos se em boa se em má fé, condemne o facto de—um jornalista pobre, que é pae, chefe e sustentaculo unico de sua familia,—pedir que o livrem do recrutamento, n'um districto onde se fez o mais vergonhoso commercio de livramentos de recrutas, rapazes novos, solteiros e magnificos para o serviço militar?

E esses taes valões, ajuntam á sua condemnação o pasmo de que se não diga, ao menos, que o pertendente era achacado de alguma das molestias da tabella!

Pois srs. . . catões: Augusto dos Santos Guimarães, proprietario do «Imparcial», não tem, felizmente, padecimento algum phisico; e podendo, como fizeram milhares d'elles, servir-se de um tal pretexto, não o fez, por que entende que a mentira é que é impropria do jornalista.

Pedia o seu livramento, com muita consciencia de que tinha todo o direito de o pedir, e não concedido por uma lei, que lirma os que sustentam a familia, e direito reconhecido pelo sr. governador civil de Braga, visconde de Margaride, que lhe aconselhou, como os seus defensores confessaram, a denuncia de se terem livrado outros do mesmo contingente por sustento, sem de facto sustentarem pessoa alguma!

O que houve, foi negligencia da sua parte, por não requeerer no prazo e condições da lei, mas esse deslizado, que bem carente de sustento, não lhe annullou moralmente o seu direito, que os censores inscriciozes desconhecem, e que o proprietario do «Imparcial» sabia ter.

O sr. visconde de Margaride, mandou fazer pelo seu orgão n'esta cidade, que o facto de lhe escrevermos uma attenciosa carta, antes de publicarmos os documentos que o delegadado como autoridade e como particular, para que cumprisse, querendo, a sua palavra de cavalheiro,—foi um peccado de jornalista de consciencia relaxada! . . .

Respondemos, em nosso nome e no de todos os homens independentes que apreciaram a pependencia:

Confessamos o nosso erro. Não merecia a menor attenção, quem já havia dado sobejas provas de que avaliava a sua palavra de cavalheiro em muito menos de 300.000 reis. . .

O que deveriamos fazer, desde logo, era dar toda a publicidade ao escandalo, berrando por toda a parte: «quem, ha um anno, nos fez uma solemne promessa, é uma pessoa muito de bem, muito considerada,

tão Santos, que o —Imparcial—trouxe á luz da publicidade?—

Panico geral no auditorio ao rebenhar este foguete á congreve. Eu confesso-o aqui á puridade, não fiquei menos estarecido de medo, só ao lembrar-me se elle seria caçador!

Apoz o silencio que costuma succeder aos effeitos causados pelos factos graves e inexperados, e tambem pelas grandes sensações moraes, aventou-se um a dizer:—Elle tambem não era para menos.

A fama por as suas cem trombetas a anunciar urbi-et-orbi que um visconde, conselheiro e governador civil d'este districto, é trapalhão, traiceiro, vingativo e homem sem palavra. . . Sim, se querem que elle esfregue as mãos de contente, e na contorção dos musculos faciaes mostre um sorriso sem vergonha. Não que os documentos que o —Imparcial— publicou,—continua o mesmo,—são de votar um homem publico ao ostracismo politico se nós não viveramos em Portugal! . . .

—Em quanto a mim,—diz um outro caçador, com formas atheleticas, typo que um phisicomista diria de rapidas expedientes e concepções pouco demoradas,—em quanto a mim, creio nos effeitos; podem discordo da causa. Que elle, visconde, se estomacasse, irritasse mesmo, por o —Imparcial—lhe provar que era trapalhão, que faltara á palavra, dado e concedido. Porem elle hydropho por isso? Nada, não

o creio! . . .—Continua ainda o mesmo—Já lhe estudaram o caracter? Sabem o que é o orgullo abatido? . . . Sabem o que é a vaidade calcada? . . . O amor proprio amarratado? . . . Pois se o sabem, e conhecem o viver moral do visconde, não acreditem que elle esteja hydropho por ter.. faltado á palavra! Conhecem a accepção que se dá á phrase—estalar a castanha na boca?—

Podem photographar na mente de desesperação que se apodera do viandante que, ao atravessar os desertos do Sahará, os areais do Gobi, quer mitigar a sede que o devora, e anda leguas e leguas sem encontrar uma gota d'agua? De repente, vê brilhar ao longe, n'um sitio em que o terreno é menos areoso um fiosinho d'agna. Os olhos como que se lhe riem d'alegria. O coração palpita-lhe inquieto de jubilo. Bate as mãos de contentamento. Por entre os labios, atravessam palavras escaldando pelo fogo do enthusiasmo. Olha risinho para o ceu, fita sobranceiro os grãos d'areia que seus pés vão calcar. . .

Corre. Não. Vá. Chega ao termo desejado. Curva-se, aproxima os labios, vai a sorver e. . . encontra areia! . . . A agua secara-se de repente. Sabeis d'um desespero assim? Tendes medida por onde affertir-o? Pois tem-na o visconde! Com a differença, porem; que em vez d'agna desejada, era o pagamento da substituição d'um recruta que deixou, aguiado o visconde. Já o canato tinha ouvido cantar, nos

mais altloquios d'ithyambos, o feito ingente e cuidadoso! Já os meninos do coro entoavam hossannas, e afinal, caret!!! Isto sim; isto é que é para produzir a hydropholia.—Meditando nas palavras concebidas, e logicamente deduzidas, do companheiro, levantaram-se os caçadores. Vi-os caminhar largo tempo cabisbaixos. E só muito tarde ouvi os primeiros sinais, que indicavam ter-se renovado a caçada.

Eu não costumo importar-me com as conversas que amidadas vezes ouço por aqui. Trato antes de me occultar ás vistas impo'tunas dos touristes e caçadores. Mas como ouvi fallar em factos escandalosos praticados por um visconde, e no estado hydrophobo d'este.. fui-me aproximando com cautela, tão sómente para me precaver. De que fallam os caçadores? Da caça, dos seus utensilios, de tudo que lhe é correlativo, e uns dos outros. Logo não ha abso'lvção para o meu peccado? O tal visconde de Margaride, não pode ser caçador tambem?

E como eu não conhecia os personagens d'este dialogo, eis o motivo porque este volátil, que eu domestiquei, levantou voo para a redacção do —Imparcial—levando no bico esta missiva: n'ella narro fielmente o que ouvi.

E, agora, rogo aos redactores d'esta folha a graça de me dizerem, se realmente o sr. visconde de Margaride está hydrophobo e é caçador.

Não posso esquivar-me á tentação de fazer um vaticinio. Os meus conhecimentos pathologicos não os quero por mãos alheias.

Se o mal que affecta o sr. visconde, é da magnitude que dizem, não ha revulsivos que atalhem os seus effeitos perniciosos! Não ha Hippocrates que o salve. Nem todos os requintes de sophisticos syllogismos, amontuados por habil e astuto publicista, attenuam a impressão moral que cansou no publico o facto escandaloso, de que deram libello contra o visconde de Margaride.

O solitario da serra da Penha

Imagem decorativa

muito fidalga, muito cheia de todas as honras e de todos os proveitos; mas a nós, um pobre typographo que vive do seu trabalho, ao passar no alto da Morreira, foi-nos pedida, de chapéu na cabeça e com serias ameaças, a quantia de trescentos e tantos mil reis, que tivemos de largar !! ...

Que se peça a um cavalheiro, a quem vilmente se faltou a palavra de honra para escrever cartas em defesa do deshonrado, é já procedimento inqualificavel; mas que se publique na imprensa, repetidas vezes, o dizer d'esse cavalheiro que mais o compromette, no firme proposito de o desacreditar, — é a mais vil de todas as infamias!

A «Religião e Patria» de 24 do mez passado, repete o periodo de uma carta do sr. capitão Xavier Guimarães, que diz:

«Declaro, que em taes circumstancias, (as de se ter escripto n'este jornal cousa desagradavel ao governador civil!!!) — se tivesse a minha palavra compromettida nos termos em que a tinha o sr. visconde de Margaride, desquitava-me d'ella, muito embora me dissessem que o não podia fazer airoosamente».

E o jornal religioso repete e encomia isto, depois de saber como foi verberado um tal escripto pela imprensa jornalística, incluindo a da capital!

Os criados são dignos do amo.

Cordialmente agradecemos ao nosso exm.º collega do «Diario Illustrado» o que a nosso respeito publicou no seu n.º 800, sobre a calumnia da «Tribuna do Pará».

A «Religião e Patria» de 2 de corrente, diz isto:

«Desconfiava-se que os atacadores do «Imparcial» eram dois titulares cá da terra. Um individuo quiz saber a verdade, e mettu na cabeça ao creado d'um dos ditos titulares que um parente do sr. visconde de Margaride partira para Lisboa, No 1.º n.º do «Imparcial» lá appareceu a noticia, etc.»

Aqui tem qual é a gravidade do jornal religioso, orgão do sr. visconde de Margaride! Mette petas, jacta-se da façanha, e de ter por ella descoberto que somos atacados por dois titulares cá da terra!

Estes idiotas protestaram enterrar até uma profundeza desconhecida, o pobre do amo. Inculcam-se gaiatos a fazerem partidas, e dão aos adversarios a honraria de serem auxiliados por nada menos de dois titulares!!.

E note-se, que esta questão é toda nossa, do nosso brio, do nosso desforço pessoal, por termos sido vilmente iludidos pelo governador civil visconde de Margaride, e por elle escandalosissimamente perseguidos! De sorte que o auxilio (atíca lhe chama a delicada «Religião») de dois titulares, vem apenas demonstrar ao publico a bondade e a justiça da nossa causa, e o descredito do governador civil do districto!!.

E são elles que o escrevem!

A «Religião e Patria» tem feito um mal bem mais terrivel ao sr. visconde de Margaride com a sua defesa, do que o nosso jornal com a nossa gravissima accusação.

Sempre serviu d'alguma cousa, o que temos escripto sobre refractarios d'este concelho. O sr. administrador, acompanhado de uma força do corpo de tropa aqui estacionado, foi buscar na noite de quinta para sexta-feira, e deram entrada nas cadeias d'esta cidade os seguintes refractarios:

Miguel da Costa e José d'Abreu Silva, ambos da freguezia de Santa Leocadia de Briteiros; Manoel Pereira de S. Salvador de Briteiros, e José Valladares de S. João de Ponte.

Este ultimo já foi posto em liberdade, dizem-nos que por ser cidadão hespanhol, não obstante ter nascido na referida freguezia d'este concelho.

Está, pois, oficialmente provada a nossa accusação ao governador civil do districto, por ter deixado passear n'elle livremente refractarios que ha muito deviam estar presos, para não melindrar certos influentes que os protegem.

Ha ainda muitos outros n'este concelho e fóra d'elle. Dós quatro que foram presos, apenas um d'elles era protegido por um cavalheiro influente eleitoral n'uma importante assemblea d'este circulo.

Dizemos a verdade inteira, porque só ella nos tem movido, e moverá a penna.

Consta-nos que já marchára ou está proximo a marchar para as Ilhas, o sr. capitão Xavier Guimarães, deixando a esposa de parto e em gravissimo estado de saude.

Deve aquelle illustre official do exercito o desgosto que soffre, unica e exclusivamente ao seu amigo visconde de Margaride, governador civil de Braga, que, não contente de lhe faltar á sua palavra de honra e obrigar-o á publicação de escriptos em sua defesa que seriamente o prejudicaram na opinião publica, veio ainda com as suas lansarronadas, na imprensa, neutralisar as informações e justos pedidos dos importantes e verdadeiros amigos d'aquelle exemplar official!

E ainda se chama governador civil do districto de Braga o sr. visconde de Margaride!!

Qual será a razão porque o sr. administrador d'este concelho não tem dado cumprimento ao determinado na portaria de 29 de dezembro de 1873?

Quem sabe pedir que sejam justos, deve tambem saber fazer justiça...

Renovamos os nossos agradecimentos aos independentes collegas que se tem pronunciado contra os escandalos do sr. governador civil deste districto.

O sr. visconde de Margaride ainda não teve um jornal que levantasse a voz em sua defesa. Em Portugal ha todo o respeito pela moralidade publica.

Falleceu no Porto o antigo e respeitavel proprietario do «Nacional». Era um perfeito cavalheiro e um liberal, com muitos serviços, dos de melhor boa fé.

Damos as boas festas, e desejamos um novo anno de completas felicidades, aos nossos illustres collegas do jornalismo, e aos snrs. assignantes d'esta folha.

Está bastante encommodada de saude a ex^{ma} sr.^a condessa de Villa Pouca.

Fazemos votos pelo prompto restabelecimento de tão distincta senhora.

Por absoluta falta de espaço não damos hoje publicidade a alguns escriptos que temos em nosso poder, o que faremos no nosso n.º immediato. Pedimos pois desculpa aos seus auctores, especialmente ao nosso amigo, o signatario da mimosa poesia intitulada—Enleio—e dedicada á ex^{ma} sr.^a D. Anna Emilia Sarmiento Varella.

Recebemos o primeiro n.º d'um novo jornal bi-semanal que começou a publicar-se em Braga, com o titulo de «Jornal do Minho». É orgão do partido historico.

Desejamos ao novo campeão uma prolongada existencia cheia de venturas.

Publicou-se o n.º 7 da «Gazeta Musical de Lisboa»

O sr. Rodrigo Martins da Costa, escriptor de direito n'esta comarca, e que fora ultimamente transferido para identico logar na cidade do Porto, e onde tinha ido tomar posse do respectivo cargo, finou-se alli repentinamente na noite de segunda para ter ça-feia proxima.

AGRADECIMENTO

José Joaquim Gomes da Silva e seu sogro Manoel de Almeida e Roza de Jesus Almeida, agradecem por este meio a todos os

illustriísimos e excellentísimos senhores e senhoras que se dignaram vizital-os e obzequial-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada esposa, filha e irmã Maria da Conceição Almeida e a todos protestam o seu reconhecimento e gratidão. Especialmente ao illm.º rev^{mo} sr. padre Costodio Pinto Veiga e ao exm.º sr. dr. Joaquim de Mattos Chaves.

ANNUNCIOS

BANCO DE GUIMARÃES

São convidados os senhores accionistas deste Banco para a reunião da assemblea geral ordinaria que deve ter logar na casa do Banco no dia 11 de janeiro proximo fucturo pelas 10 horas da manhã.

Guimarães 31 de dezembro de 1874.

O presidente da assemblea geral

BARÃO DE POMBEIRO

ATTENÇÃO

VENDEM-SE as seguintes propriedades. Quintas: de Cidrões, freguezia de S. Romão; d'Amorosa, freguezia de S. Pedro d'Asurey, de Cima de Villa, d'Abação; da Torre: Torre de Fóra, Torre do Meio, do Carriço, todas na

freguesia de S. Miguel de Creixomil; e os campos da Honra e Arquinho, d'esta cidade.

Todas as pessoas que desejarem comprar qualquer das propriedades supra, devem dirigir-se ao illm.º sr. Manoel Pereira Guimarães, morador na rua da Tulha, ou ao illm.º sr. Manoel José de Passos Lima, morador na Travessa de Santa Rosa de Lima, tambem d'esta cidade.

ALFAIATE

Custodio José Duarte Guimarães, alfaiate, offerece-se para trabalhar pelas casas. Faz toda a qualidade de obra, relativa á sua profissão, e não só compõe, mas tambem corta.

VENDA

Vende-se a quinta do Cabo, sita na freguezia de S. Martinho de Fareja, comarca de Fafe.

Quem a pertender dirija-se a Manoel José d'Araujo da freguezia de S. Pedro de Jugueiros, comarca de Felgueiras.

DENTISTA

Na rua da Caldeiroa, n.º 7, trata dentes, xumba, e faz tudo mais relativo á sua profissão.

NOVA LOJA AFORTUNADA

DE

LOURENÇO MARQUES D'ALMEIDA

112—RUA DAS FLORES—114

PORTO

N'ESTE estabelecimento que, como é sabido, é, no seu genero, um dos mais felizes do Porto, encontra-se á venda um grande e variadissimo sortimento de bilhetes de todos os sorteios das loterias, cujas extracções geralmente tem lugar MAIS DE TRES VEZES POR MEZ

Satisfaz-se com promptidão todas as encomendas que sejam feitas das provincias (em pequena ou grande quantidade) vindo acompanhadas do seu respectivo importe em vales do correio, ou mesmo estampilhas, sendo pequena quantia.

Recebem-se em pagamento ou desconto, os bilhetes que em outros sorteios hajam saído premiados, MESMO QUE SEJAM D'OUTROS ESTABELECEMENTOS E finalmente remetem-se «gratis», findas as extracções, as respectivas listas geraes e todos os numeros premiados

Para que este licito e vantajoso jogo se ache ao alcance de todas as pessoas mesmo as menos abastadas, se encontra no mesmo estabelecimento: alem de bilhetes inteiros, meios bilhetes, quartos, oitavos, decimos e castellas de 600, 500, 300, 250, 130, 100 e 40 reis; dezenas de dez numeros seguidos, de 6'000, 3'000, 1'000, e 400, reis; e finalmente, collecções de 30 numeros diferentes, desde o preço de 3000 reis a 15'000 reis.

A QUEM CONVIER

Este estabelecimento fornece convenientemente todas as pessoas que, em qualquer pontoda provincia, queiram vender este genero á commissão.

Offerece para isso vantajosas commissões; e dispensa as mais apreciaveis vantagens que em tal ramo de negocio se podem gosar, as quaes se podem comprehender assim:

NEGOCIAR SEM RISCO; porque se aceita de novo, em conta, a fazenda que até ás vespersas das extracções os pretendentes não hajam podido vender. Remettem-se as listas, partes telegraphicas em caso de conveniencia, e planos; e attende-se a toda e qualquer reclamação justa que seja feita.

O pagamento, porem, tem que ser adiantado ou affiançado por qualquer negociante d'esta cidade, em cujo caso póde ser feito no fim das extracções.

AGENCIA

Trata-se da entrega de quaesquer documentos na cidade de Coimbra, reconhecimentos d'assignaturas, certidões de qualquer natureza, compra de livros, impressos, e outros, com muita brevidade. Agente Joaquim Simões Barreiros—rua de S. Jeronimo n.º 4—Coimbra.

CENEBRA FOCKINK

Vende-se por 480 reis cada botija d'esta excellente genebra, no armazem de Villa Pouca

A' CARIDADE PUBLICA

Maria d'Oliveira Fernandes, moradora na rua de S. Lazaro n.º 210, pede ás almás-caridasas se lembrem d'ella com uma esmolla para seu alimento pois que se acha impossibilitada de trabalhar pela enfermidade que ha muito a apuquenta.

Pela Condessa de Sêgur

A casa do Saltimbanco

Por Madame de Stoltz

Está em via de publicação uma nova obra

intitulada

Por Madame Luiza Colete

Traduzida pelo distincto escriptor M.

Pinheiro Chagas

Preço avulso : um lindo volume brochado, 600 reis; um magnifico volume encadernado em percalina cor de rosa e dourado por folha, 800 reis. Para os srs. assignantes permanentes faz-se abatimento de 100 reis em cada volume.

Vende-se na livraria de Madame Marie François Lallemant, rua do Thesouro Velho, 22, Lisboa, para onde devem ser dirigidas as assignaturas.

A' caridade dos vimaraneses

As religiosas Ursulas da cidade de Braga, achando-se em apuradas circunstancias e sem poderem pagar os generos alimenticios, que a credito fiados lhe venderam, e sem meios de poderem occorrer ás despesas indispensaveis, recorrem ás almas generosas e caritativas para que, e por uma vez, as auxiliem e socorram com uma quantia qualquer, aguardando do ceu a recompensa que ellas não podem dar-lhes.

Qualquer quantia pode ser entregue n'esta cidade na «Livraria Internacional», rua de S. Damaso.

PREÇO DA ASSIGNATURA (SEM ESTAMPILHA)

Por anno	3.600	reís
Por semestre	1.900	reís
Por trimestre	1.000	reís
Folha avulso ou supplemento	40	reís

MARIA DE BRAGANÇA

(INFANTA D. BRANCA)

Versos por Bulhão Pato

Preço 100 reis—Vende-se na rua Augusta, livrarias dos srs. Pereira, numeros 50 e 52; Campos Junior, numeros 78 e 80, 7 a 81.—ua do Puro, livrarias dos snrs. Ferreira & Lisboa, numeros 132 e 134; Ffra, numeros 180 e 182; Rodrigues, 186 e 188.—ua dos Fanqueiros, livraria de Zeferino, n.º 87.—Coimbra, livraria do sr. Mesquita.—Porto, na do sr. Chardron.

emmettem-se pelo correio a quem mandar a importancia dos exemplares que pedir, em estampilhas ou vales do correio Carta á typographia do Futuro, rua de S Boaventura, 57, Lisboa

BOAVENTURA DA COSTA

Um coroa de perpetuas e saudades

(opusculo consagrado á memoria do insigne degredado Vieira de astro)

Preço 100 rs

Vende-se n'esta redacção a «Carta d'um solitario» ao primeiro jornalista portuguez Antonio Rodrigues Sanipaio, ministro do reino, Preço 200 REIS

NOITES DE INSOMNIA

Publicação mensal, por C. Castello Branco, 7 volumes publicados a 200 reis cada um.

venda na «Livraria Internacional», S. Damaso.

LIVROS

Que se acham á venda em Lisboa, na livraria de J. J. Bordoalo, rua Augusta, n.º 24 e 26, os quaes são remettidos para as P. provincias francos de porte a quem enviar o seu importe em estampilhas ou sellos á dita livraria. Dá-se um catalogo gratis de todas as obras antigas e modernas que se vendem n'aquella livraria, a quem o exigir.

DIF FRENTE OBRAS

Nova Collecção de Cantigas do Fado, escriptas delicadamente para se cantarem ao piano e á guitarra por Luiz de Araujo, contendo 100 motes glosados, 1 vol. 300

Manual do Cosinheiro, ou nova arte do cosinheiro, copeiro e servir á meza ornado de estampas 1 vol. 240

Manual de Dança, para aprender a dançar todas as danças modernas sem auxilio de mestre 120

Rol da Roupa que se dá á Lavadeira, util ás donas de casa 120

Almanach do Clero, Nobreza e Povo, para 1874 100

Almanach dos Namorados para 1874, contendo cartas amorosas &c 50

an u al de Serrás, e Sonhos ou verdadeiro oraculo das Damas 120

Assignase e vende-se no escriptorio da redacção, rua das Lamellas n.º 45 a 49. To da a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte ao proprietario Augusto dos Santos Guimarães, rua de S. Paio, ou ao escriptorio da redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escriptos que involvam responsabilidade, sem que estes venham competentemente legalizados. As publicações litterarias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 reis por cada linha, repetição 20 reis. As assignaturas são pagas adiantadas.

VINHOS DA ALTO DOURO PREMIADOS

NAS EXPOSIÇÕES

IOSE' d'Oliveira encarregado de vender os Vinhos da casa de Villa Pouca annuncia que tem á Venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fóra a garrafa)

Tinto de meza	450 reis	Moscatel	500 reis
Lagrima	200 reis	Vinho de 1854	600 reis
Tinto	190 reis	Roncon	700 reis
Tinto fino	240 reis	Vinho de 1825	1.000 reis
Vinho velho em prova secca	300 reis	Reserva de 1838 por garrafa	2.250 reis
Malvasia, segunda qualidade	360 reis	Bral de 1851	1.000 reis
Vinho velho	400 reis	Delicado de 1857	800 reis
Alvaralhão, superior	560 reis	Especial de 1862	600 reis
Bastardo velho	500 reis	Cerveja ingleza	440 reis
Malvasia primeira qualidade	500 reis	Nacional	50 reis

A RETALHO:

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 reis o quartillo do tinto e 120 reis do branco Este armazem tem depositos : em Fafe, em casa do sr. Miguel Antonio Monteiro de Campos; em Vizella em casa do sr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do sr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do sr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do sr. F. G. Santa Cruz, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do sr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do sr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'elletod e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguem duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem a fim de assistirem á lotação dos ditos vinhos.

AGUA CEZARINA

Esta excellente agua descoberta por uma sociedade dos mais distinctos Dermatologistas e estudada e analysada por diversos facultativos e com especialidade pelo exm.º sr. dr. Agostinho Vicente Lourenço, lente de Chimica na escola Polytechnica, fortalece a pelle da cabeça e as raizes dos cabellos, faz voltar á sua cor natural e nascer os que caem em consequencia de diversas doencas cutaneas, cura a caspa e as impigens, torna os cabellos macios e lustrosos etc., etc., etc.

Preço de cada frasco 800 rs.

Todos os frascos levam o attestado do exm.º sr. dr. Lourenço e as instruções para o uso da agua.

Deposito unico em Guimarães para fornecer todas as terras do Minho e Traz os-Montes, rua de S. Damaso, n.º 89, 91.

Todas as pessoas que quizerem encarregar-se da sua venda em qualquer terra das duas provincias, podem dirigir-se a Teixeira de Freitas, representante da Empresa da Agua Cezarina—Guimarães.

TYPOGRAPHIA

NA typographia d'este jornal fazem-se todos e quaesquer impressos que sejam encomendados, com a maior promptidão, nitidez e barateza, como são :

Facturas, letras, talões para aferição, arrendamentos, ordens de pagamento, procurações particulares e judicias, cautellas, rotulos para garrafas ou frascos, cartas funebres, mappas, editaes, recibos, etc. etc.

N'esta typographia tambem ha cursivo para as cartas, bem como tinta azul, verde, vermelha, mordeute para dourdr ou pratear qualquer impresso.

N. B. Vendem-se n'esta typographia letrasa 500 reis o cento.

Excedendo a duzentas custa cada cento quatro centos reis. Trmbem se vendem aulso a 5 reis.

PREÇO DA ASSIGNATURA (COM ESTAMPILHA)

Por anno	4.380	reís
Por semestre	2.290	reís
Por trimestre	1.190	reís
Para o Brazil, (pelo paquete) por anno	9.000	reís